

O coro dos Plebeus

The Chorus of Plebeians

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos

O presente é o equilíbrio entre o passado e o futuro. Estou a considerar o presente como acção, e não como estado. Refiro-me à dinâmica correcta dos dias que passam entre o que se construiu e aquilo que vem a ser construído. Nesta concepção incluem-se tipos de equilíbrios dinâmicos muito acelerados, característicos de roturas aparentes, em que os génios se revelam na sua autêntica dimensão.

Tais palavras exprimem um pensamento distante, à procura de sínteses que queiram dizer algo muito comum. A ideia vertida resultou da convicção de que a edificação actual, em princípio projectável nas influências de amanhã, deve ser inserida na coerência histórica dos esforços antepassados. Cada um de nós que promove actuações sociais, mais ou menos circunscritas no espaço e no tempo, beneficia sempre com o exame da História.

Só que esse relance, em todos os casos, tem de ser feito criticamente, observando enquadramentos vários e através da objectividade das mutações. Há que ter o cuidado de afirmar constatações, na dimensão pontual, sem as extrapolar linearmente na linha do tempo, pois o retorno aparente não justifica a repetição incondicional de uma época noutra ciclo da evolução.

De facto, a transfiguração da realidade é uma constante do nosso mundo, iludindo facilmente a criatividade com a inovação ou a geração com a produção. Gerar criando significa a máxima capacidade humana de libertação individual. Produzir inovando representa a expressão mais característica da sociedade tecnológica em competição, referida a comparações assentes em valores relativos. Repare-se que só mais além existe a libertação, pelo que se cria e não pelo que se produz massivamente.

Este paradigma libertador da humanidade não pode deixar de ser

implementado e gerido no âmbito dos pequenos grupos, dentro dos limites da escala em que os homens ainda são considerados humanos. Daí o perigo de se resvalar para o entendimento das actividades não-massificadas como elitistas ou aristocráticas. É um engano induzido pelo exame lateral da história, que nem os historiadores conseguem discernir.

Por exemplo, um coro universitário será uma manifestação aristocrática da sociedade? Para quem vê na Universidade o espírito emanante de um Colégio dos Nobres poderá confundir os seus objectivos com a satisfação musical dos momentos solenes da realeza estabelecida. Mas tal não acontece hoje, com a difusão generalizada das manifestações musicais entre todas as classes sociais, da mesma forma como a Universidade não se restringe a Coimbra e pouco mais.

Quem viveu boa parte da juventude nos interstícios sociais além-Pirinéus, concretamente na Alemanha, França e Grã-Bretanha, há mais de duas décadas, pode testemunhar o enorme desnível entre o apetite pela música coral nos ambientes estudantis e familiares naquelas regiões e o que se passava em Portugal. Em qualquer encontro ocasional de jovens, sobretudo em cursos de férias, era fácil constituir grupos de várias vozes, espontaneamente, como por encanto, porque na verdade havia em todos esses jovens uma cultura própria e de riqueza implícita.

Não sei o que se passa hoje por lá, mas poderei admitir que os coros universitários continuam a elevar o enriquecimento musical tributado pelas escolas secundárias. É que o costume da formação musical e da prática dos coros mistos até já se enraizou no sistema educativo português. Conhecemos vários casos que confirmam a grande apetência dos jovens pela música.

A extensão destes casos a toda a

sociedade, mantendo a dimensão controlável para superar os limites da criatividade libertadora, é que justifica a inserção de um orfeão universitário, deficitário por inerência em termos económicos, no rol dos luxos que não são luxos.

Outros exemplos podem ser recolhidos na história do passado mais distante, nos quais as actividades aristocráticas deixaram de o ser. Recordo apenas os automatismos. Tempos houve, como em quase tudo dentro do ciclo da Idade Média, em que geniais criativos e engenhosos artífices animaram horas deprimidas de reis e duques com pássaros artificiais que piavam e esvoaçavam nos momentos de susto ou soldados de lata que tocavam píforo e rufavam tambores enquanto outros se esgrimiam em duelos renhidos para encanto dos aristocráticos suzeranos. Esses automatismos pneumáticos e mecânicos serviram de base ao progressivo desenvolvimento dos actuais robôs, que povoam as linhas automáticas de produção em série.

Afinal, a incompreensão do jovem Tomás de Aquino, ao destruir o androide que o seu mestre Alberto, o Sábio, construira durante trinta dedicados anos para abrir a porta do convento com um amigável "salvé" de boas-vindas, significa que nem mesmo os mais iluminados conseguem vislumbrar os valores do futuro pela prática do presente. Quer dizer, existem épocas em que despontam valores significativos para caracterização de eras futuras.

Em Portugal vive-se actualmente uma fase de avaliação económica de tudo, com desprezo implícito pelos valores do espírito. Conceber é importante, mas só se a concepção for expressa em produtos economicamente rendíveis. Tal filosofia já arribou ao sistema educativo e está a penetrar no sistema científico e tecnológico. Onde encontrarei o coro dos plebeus que me possa reconfortar. ■